

AFIXOS DA MARGEM ESQUERDA: REFLEXÕES SOBRE PREFIXAÇÃO EM UM DOCUMENTO DO SÉCULO XIV

Luís Henrique Alves Gomes¹ e Hirão Fernandes Cunha e Souza¹

¹Instituto Federal da Bahia

luisdegomes@gmail.com – hiraofernandes@gmail.com

Artigo submetido em 17/09/2012 e aceito em 20/11/2012.

RESUMO

O trabalho se debruça sobre um processo de formação de palavras em língua portuguesa, a prefixação, a qual não possui critérios bem estabelecidos para a definição e a classificação, quer seja em gramáticas normativas ou em manuais de morfologia. Frequentemente, encontramos elementos morfológicos afixados à esquerda de um determinado vocábulo, provocando ou não provocando alteração no seu significado.

Logo, percebe-se que tais “partículas” linguísticas não possuem um comportamento homogêneo, fazendo-se necessário propor uma nova classificação que não se resume apenas a prefixo. Este artigo dedica-se a uma nova classificação a partir de vocábulos retirados de um *corpus* linguístico do português do século XIV.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia; Formação de Palavras; Prefixação; Linguística; História da Língua Portuguesa.

Affixes of the left margin: reflections and prefixes in a fourteenth century document

ABSTRACT

Dealing with several word formation processes in Portuguese, this work focuses on prefixation, which has no well-established criteria for its definition and classification, neither on normative grammars nor on morphology manuals. We usually find morphological elements attached to the left of a particular word, which can or cannot result in a change of meaning.

So, it is possible to verify that these “linguistic elements” do not show a homogeneous characteristic, what makes it necessary to propose a new classification that cannot be applied only to a prefix. This article is dedicated to this new classification, using words taken from a corpus of Portuguese language of the fourteenth century.

KEY-WORDS: Morphology; Word formation; Prefixation; Linguistics; History of Portuguese Language.

AFIXOS DA MARGEM ESQUERDA: REFLEXÕES SOBRE PREFIXAÇÃO EM UM DOCUMENTO DO SÉCULO XIV

INTRODUÇÃO

Este artigo foi resultado de uma reflexão a respeito dos processos de formação de palavras e se concentra nos estudos avançados em morfologia da Língua Portuguesa. Essa reflexão aconteceu na época da graduação em Letras na Universidade Federal da Bahia no curso de Morfologia da Língua Portuguesa. A questão que norteia a investigação tratada neste artigo foi: *se um prefixo deve ser considerado um morfema, pois ele carrega uma unidade de significação que será acrescentada no início de uma determinada base, funcionando apenas como uma forma presa, como poderíamos classificar os elementos iniciais de palavras como **amostra** e **sem-terra**, já que tais elementos não possuem características prototípicas atribuídas aos prefixos?*

Hoje, neste artigo, convidei o colega Hirão F. Cunha e Souza para partilhar uma reflexão mais amadurecida sobre o assunto.

1. PREFIXAÇÃO: COMPOSIÇÃO OU DERIVAÇÃO

Sempre nos perguntamos por que formamos novas palavras ou, numa abordagem da corrente gerativista, como se dão e quais as regras que nosso sistema mental utiliza para formar novas palavras.

Segundo Laroca (2003, p.71):

A criação de novas palavras vem atender a necessidades sociais, culturais e psicológicas como, por exemplo: *lobista* (de lobby (ing.) + (ista), profissional especializado em defender os interesses de determinada(s) empresa(s)); *bicicletário*, espécie de estacionamento de bicicletas; *toboágua*, novo tobogã com água; *jornalanda*, “mistura de jornalista com propaganda de que são feitos os programas eleitorais”.

A língua dispõe de vários recursos de expansão lexical, denominados processos de formação de palavras. Além desses recursos autóctones, pode-se recorrer também a empréstimos culturais e estrangeirismos.

Concordamos com os dizeres de Laroca em que as novas palavras sempre surgem consoante o desenvolvimento sociocultural de um determinada comunidade, ou seja, o léxico sempre atenderá a essas relações e as refletirá, modificando-se, inovando-se ou transformando-se por meio desses recursos denominados autóctones. Contudo, essas informações não contemplam regras mentais incorporadas no sistema linguístico do falante de determinadas línguas. Não se pode pensar apenas em fatores culturais, mas sim associá-los a fatores estruturais.

O linguista baiano Braulino Santana aponta para essas “regras mentais” que satisfazem ou não a formação de novas palavras. Caso essas regras sejam “quebradas”, ou melhor, “corrompidas”, estaríamos diante de “palavras impossíveis”, nas próprias palavras de Santana (2009, p. 48):

Os falantes têm uma forte intuição de que palavras desse tipo não podem ser inventadas em sua língua, e que a comunidade de fala da qual fazem parte praticamente acharia estranhas, e provavelmente vetaria o seu uso. Estamos diante, portanto, de palavras impossíveis.

O linguista americano Mark Aronoff foi um dos primeiros formuladores de um fenômeno que impede a criação de novas palavras em uma língua, a que designou como bloqueio. Existe uma espécie de bloqueio que impossibilita a criação de ocorrências como quadro[dor], estante[dor], mesa[dor]. Nesses termos, estamos diante de itens (palavras) sem chance de existir em língua portuguesa. Tentar esclarecer a natureza desse bloqueio será nossas preocupações [...]

Ou seja, caberia aos linguistas o papel de investigar todas essas regras que bloqueiam certos tipos de construções lexicais em diversas línguas.

No que diz respeito aos processos de formação de palavras em português, conforme já foi visto anteriormente, muito se tem pensado, principalmente no que diz respeito à prefixação, ponto central deste trabalho.

Pode-se observar, por exemplo, divergência entre alguns autores no que tange ao processo de prefixação, como em Coutinho (1962), que informa que *nas palavras formadas por prefixo, entretanto, o determinante vem sempre em primeiro lugar, conformando-se, nessa espécie de compostos, o português com o latim.*

O que se pode perceber a partir dessa citação é que o autor considera o processo de formação de palavras por prefixação como composição que envolve elementos de duas línguas, não especificando se esses elementos são formados por formas livres, presas ou dependentes¹. Também, é possível notar que Coutinho (1962) considera esse tipo de composição formada apenas com elementos latinos associados a elementos portugueses, não considerando a possibilidade de compostos com elementos de outras línguas nem com estruturas lexicais de uma mesma língua.

Um exemplo encontrado diferente do de Coutinho (1962) é o de Villalva (2003), em que se vê a composição um processo que se restringe à união de radicais e palavras, portanto diferente da prefixação, que agrega formas presas às margens esquerdas de radicais ou palavras.

Concentrando-se em prefixação e sufixação, Laroca (2003, p. 71) diz:

Os processos mais produtivos de formação de palavras são a *derivação* e a *composição*. A *derivação* consiste na formação de novas palavras por meio de afixos adicionados à palavra-base. Pode ser prefixal ou sufixal. Segundo Celso Cunha, “tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes”.

¹ Segundo Zanotto (2001), **Formas livres** - São as autônomas, as que sozinhas podem constituir frase, que podem, por exemplo, funcionar sozinhas como resposta; por outras palavras, formam uma sequência que pode funcionar isoladamente, que possui carga comunicativa suficiente. **Formas presas** - São as que integram o vocábulo, só funcionam ligadas a outras. Na escrita aparecem ligadas diretamente umas às outras. **Formas dependentes** - Para abranger as partículas proclíticas e enclíticas em português (artigos, preposições, conjunções, pronomes átonos etc.) Mattoso Câmara Jr. introduziu o conceito de formas dependentes. Elas funcionam ligadas, geralmente em adjacência, às livres e não têm autonomia no discurso. São os artigos, preposições, conjunções, pronomes oblíquos. Ver *O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara*, de Margarida Basílio. Em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/delta/v20nspe/24262.pdf> . Acesso em: 23/03/2010.

GOMES; SOUZA (2012)

Assim, concordando com Laroca (2003), considera-se a prefixação como um processo de formação de palavras que envolve apenas um radical, ou seja, a prefixação se encaixaria no *rol* das palavras derivadas, em oposição à composição, processo este que envolve, necessariamente, mais de um radical. Adotaremos essa postura para tratar a *afixação na margem esquerda* em vocábulos portugueses em um texto do século XIV.

Desse modo, as seguintes perguntas motivaram o trabalho: os vocábulos formados por prefixação desde a origem latina devem ser considerados derivados na sincronia atual? Todos os elementos afixados à esquerda dos vocábulos ou radicais devem ser considerados prefixos, tendo em vista que eles têm um comportamento morfológico e/ou semântico diferenciado?

Logo, este artigo pretende descrever o comportamento dos afixos da margem esquerda em um documento trecentista, o manuscrito *Flos Sanctorum*, a partir do glossário apenso à edição de Machado Filho (2003).

O que irá obter-se no decorrer deste artigo é um panorama sobre os *Afixos da Margem Esquerda*, doravante **AME**, encontrados no *Flos*. Busca-se uma descrição detalhada visando à classificação dessas partículas como **elemento protético**, **prefixo** ou **prefixóide**, bem como o valor semântico que será atribuído ou não à forma agregada, fornecendo, assim, um entendimento sobre o processo de derivação no século XIV.

2. O CORPUS – FLORES DOS SANTOS

O *corpus* utilizado, como foi dito anteriormente, para a descrição das formas **AME**, documento trecentista, foi um *Flos Sanctorum*, trazendo para o vernáculo, *As flores dos Santos*, suas vidas e feitos, milagres e suas venturas relatados por um copista medieval.

O manuscrito veio para o Brasil pelas mãos do Professor Serafim da Silva Neto, por volta de 1950, integrando um conjunto de textos medievais com o *Livro das Aves* e os *Diálogos de São Gregório*. Hodiernamente, esses manuscritos integram o acervo da *Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central* da Universidade de Brasília, doravante UnB.

Conforme indica Machado Filho (2003), os outros dois textos que se apresentam no conjunto de manuscritos foram editados por Rossi *et alli* (1965) e por Mattos e Silva (1971), respectivamente.

Coube a Machado Filho, em 2003, fazer a edição paleográfica e a interpretativa, fornecer uma análise sobre os elementos anafóricos e *(h)i* e *en(de)*, além de formar um glossário exaustivo com os itens lexicais arrolados na edição interpretativa, glossário este que serviu de base para o levantamento de dados deste estudo. Esse conjunto de trabalhos realizados por Machado Filho é parte integrante do seu curso de doutoramento na Universidade Federal da Bahia e, até 2005, quando foi feita a coleta de dados, encontrava-se no prelo².

No primeiro capítulo do volume I da referida tese, encontra-se o que o autor chama de *A história recuperável*. Nesse capítulo está o percurso do documento na história, mostrando a maneira um pouco obscura como ocorreu a sua aquisição pelo Professor Silva Neto, até sua chegada à UnB.

O editor ainda demonstra, posteriormente, as características gerais do documento, a mancha do texto, a distribuição do pautado, bem como os sinais de pontuação, títulos e

² O referido trabalho foi publicado em 2009 pela Editora UnB. Os dados referentes a este artigo foram coletados em Machado Filho (2003).

GOMES; SOUZA (2012)

rubricas presentes no manuscrito. Além disso, a disposição e a organização dos fólhos e cadernos são demonstradas por meio de diagramas, obedecendo-se à organização a partir das rubricas dispostas no manuscrito.

No capítulo segundo, observam-se as normas para a transcrição do documento, tanto na edição paleográfica, que visa maior proximidade do texto em relação aos fólhos originais, quanto na edição interpretativa, a qual busca uma leitura mais contemporânea da obra.

Sobre o glossário, Machado Filho (2003) apresenta, primeiramente, a listagem completa dos autores consultados para informações de natureza etimológica e semântica. Nessa lista, encontram-se diversos dicionários, como os de A. G. Cunha, José Pedro Machado, Joan Corominas, Antônio Houaiss, entre outros. Os verbetes sempre apresentam metodologia e redação próprias, além de indicar a classificação gramatical dos vocábulos arrolados na edição, bem como a *partição* da palavra, mostrando como ela foi formada. Desse modo, procura-se depreender se a afixação foi consolidada no latim, em língua portuguesa ou em outro idioma (informação fornecida pela etimologia que consta no verbete).

Por essas justificativas, concluímos que se trata de uma obra confiável aos estudos linguísticos, tendo em vista o apuro e o cuidado do pesquisador ao elaborar o material, criando diversas possibilidades de estudo no português trecentista.

3. AFIXAÇÃO À ESQUERDA

Na maioria dos autores, sobretudo nas gramáticas normativas, encontra-se a afixação como um processo de acréscimo de afixo ou afixos ao MLB (Morfema Lexical Básico), seja na margem esquerda ou na margem direita, respectivamente prefixação e sufixação. Alguns pesquisadores consideram a *afixação interna*, ou seja, o acréscimo de afixos no interior do MLB, nomeadamente **infixos**.³

Sobre a infixação, Monteiro (2002) explica que se trata de um morfema aditivo, que aparece no interior da palavra e, por ser morfema, obviamente, contém um significado. Por sua vez, para justificar a ocorrência de infixo em língua portuguesa, Monteiro (2002, p. 63) cita o seguinte exemplo:

O primeiro é o do derivado **pinicar**. Se entendermos que este verbo vem de **picar**, teremos atestado em português a presença do infixo verbal [in]: **picar** → **p** – **in** – **icar**. É bem evidente que há uma relação morfossemântica entre os dois verbos e se sente que o morfema [in] traduz uma noção diminutiva ou frequentativa.

Percebemos certa incongruência em relação a essa análise de Monteiro, pois não há muitos outros exemplos que corroborem a hipótese da ocorrência de infixos em língua portuguesa, nem nas sincronias passadas, tampouco em sincronia atual. Quanto à análise propriamente dita, recorrendo ao dicionário de Houaiss (2001), verifica-se que o vocábulo *pinicar* provém do substantivo pinico (no sentido de ponta aguda, bico), étimo também encontrado nos dicionários Aurélio (1986) e Aulete (1958) (tanto na versão imprensa como na versão *on line*), trazendo a acepção de *ferir com o bico*, *bicar*, logo comprova-se que a partícula [in] não se trata de um morfema, mas de parte do próprio

³ Conferir em Monteiro (2002).

GOMES; SOUZA (2012)

MLB (*pinic-*) da palavra primitiva, portanto sem valor significativo isoladamente.

Outra análise encontrada em Monteiro (2002, p. 63) que merece revisão é a seguinte:

O outro caso também acontece na formação de diminutivos, mas diz respeito a estruturas nominais. Um dos fenômenos interessantes é o da inserção do morfe [inh] em vocábulos masculinos de tema em /a/. Vejamos, por exemplo, o que acontece com o diminutivo de **cinema**, **samba** e **problema**. Se se tratasse de sufixação, teríamos normalmente **cinem-inho**, **samb-inho** e **problem-inho**. Contudo, o que existe na prática é **cinem-inh-a**, **samb-inh-a** e **problem-inh-a**.

O que aconteceu com os diminutivos das palavras acima listadas foi uma regra perfeitamente regular em língua portuguesa em que o morfema derivacional (o sufixo) se afixa diretamente ao MLB, antes da vogal temática. A hipótese do possível resultado em *cineminho*, *sambinho* e *probleminho* poderia ser justificada pelo fenômeno de alomorfia da vogal temática, contudo não se aplica à análise, tendo em vista que não há produtividade de tais formas em língua portuguesa.

No que diz respeito às definições normativas sobre a afixação, essas consideram a prefixação e a sufixação restritas apenas às descrições e listagens de elementos de origem latina e grega, sem especificar se há distinção entre os elementos denominados prefixos.

Em Villalva (2003), em capítulo publicado na *Gramática da Língua Portuguesa de Mira Mateus*, encontra-se a definição da afixação em língua portuguesa como um processo de derivação inferido na seguinte fórmula:

$$[(\text{AFIXO}) + \text{BASE}^4 + (\text{AFIXO})]$$

A partir dessa fórmula faz uma distinção entre os elementos à esquerda do MLB (chamados de prefixos) e os elementos à direita (chamados de sufixos).

Segundo a autora, pode-se, aparentemente, estabelecer uma distinção entre prefixos e sufixos com base no seu comportamento típico, segundo as descrições que seguem, com os exemplos da própria autora⁵:

a) Os **sufixos** determinam a categoria sintáctica da palavra em que ocorre:

$form_{RN} \rightarrow formal_A$

$formal_{RA} \rightarrow formaliza_{TV}$

$formaliza_{TV} \rightarrow formaliza\tilde{c}\tilde{a}o_N$

Os **prefixos** não interferem no cálculo da categoria sintáctica da palavra em que ocorrem:

⁴ MLB.

⁵ As tabelas estão apresentadas conforme foram dispostas por Villava (2003).

GOMES; SOUZA (2012)

*humano*_A → **desumano**_A

*justo*_A → **injusto**_A

*fazer*_V → **refazer**_V

b) Os **sufixos** determinam o valor das categorias morfológicas, morfo-sintáticas e morfo-semânticas relevantes:

*normal*_{TA} → *normalizar*_V 1ª conjugação

*normal*_{TA} → *normalidade*_N feminino

*normal*_{TA} → *normalidade*_N massivo

Os **prefixos** não determinam o valor das categorias morfológicas, morfo-sintáticas e morfo-semânticas relevantes:

*atar*_V 1ª conjugação → *desatar*_V 1ª conjugação

*inscrição*_N feminino → *pré-inscrição*_N feminino

*inscrição*_N contável → *pré-inscrição*_N contável

c) Os **sufixos** não podem coocorrer em posições adjacentes:

*...[*vel*] [*vel*]]

*...[*ção*] [*ção*]]

Os **prefixos** podem coocorrer em posições adjacentes:

[[*super*] [*super*] [*interessante*]]

[[*re*] [*re*] [*apreciar*]]

Tabela 1 – Villalva (2003)

Desse modo, percebe-se uma definição de cada um dos elementos que são afixados a uma determinada base, porém não se pode canonizar que todo *Afixo da EIXO*, v. 1, n. 2

GOMES; SOUZA (2012)

Margem Esquerda seja um prefixo. Apesar disso, Villalva (2003) não considera características essenciais dos prefixos como, por exemplo, a existência dependente de uma base em que esteja afixado e a distribuição de carga semântica ao elemento em que se juntou, não fazendo, portanto, a distinção entre prefixos, prefixóides ou elementos protéticos.

Autores vários abordam a definição de prefixóides de distintos modos. Para Sandmann (1996), os prefixóides são elementos que têm as mesmas particularidades dos prefixos, mas também possuem vida independente, ou seja, podemos encontrá-los no discurso sem necessariamente estarem presos a uma determinada base. Esses elementos, possivelmente, estariam no meio de uma cadeia de gramaticalização, adquirindo, cada vez mais, propriedades gramaticais, perdendo, por sua vez, propriedades lexicais⁶. Como exemplo, têm-se: **além**-mar, **não**-índio, **sem**-terra etc.

Rocha Lima (1976), por sua vez, denomina prefixóide ou pseudo-prefixo os elementos que não têm mais produtividade e que ocorrem, na maioria das vezes, em uma única palavra como: **obter**, **manter** etc. Sandmann combate, coerentemente, esse posicionamento, pois essas palavras já vieram formadas do latim, não havendo, portanto, uma derivação por acréscimo de AME em português.

Cunha e Cintra (2001) chamam de prefixóide o que Monteiro (2002) chama de recomposição. Para eles, o prefixóide é o prefixo grego ou latino que assume, no português moderno, outra significação, passando a formar novas palavras: *Auto* (por si) > *Automóvel* > *Autódromo*. Para este trabalho, adotaremos as definições de Sandmann para os prefixóides.

Lucas Campos (2001) reflete bem o posicionamento de diversos autores sobre os prefixóides, principalmente em relação ao posicionamento de Sandmann (1996, p. 31), conforme trecho abaixo:

Esse estudioso reconhece que há uma larga faixa intermediária entre elemento de composição e afixo e que há uma certa dificuldade de se classificar os elementos em um ou outro grupo, de acordo com os critérios evidenciados. Daí, serem usados os termos *afixóide*, *prefixóide* e *sufixóide* ou *semiprefixo* e *semi-sufixo*, bem como *prefixo* e *sufixo relativo* em oposição a *prefixo* e *sufixo puro*.

No que diz respeito ao *elemento protético*, trata-se, analisando sob um determinado recorte sincrônico, do elemento que é acrescido à esquerda e que não traz nenhuma alteração na semântica, na morfologia ou na sintaxe do vocábulo. O *elemento protético* se comporta como prefixo, mas, por não interferir semanticamente no resultado da formação, não pode ser encarado como tal.

Cabe então a reflexão: todos os elementos afixados à esquerda seriam morfemas? Os elementos afixados à esquerda se enquadrariam na categoria de morfemas, até mesmo os que não atribuem ou acrescentam significado algum à base?

A partir dos conceitos de diversos autores aqui apresentados, podem-se inferir as seguintes categorias para os **Afixos da Margem Esquerda**:

- a) **PREFIXO** – elemento afixado na margem esquerda de um MLB com conteúdo semântico pleno, não interfere no cálculo da categoria sintática da palavra, não determina o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e/ou

⁶ Ver em Campos (2001).

GOMES; SOUZA (2012)

morfossemânticas, coocorre em posições adjacentes, **não possui vida independente (como forma livre) e atribui alguma carga semântica ao elemento em que foi afixado.**

- b) **PREFIXÓIDE** - elemento afixado na margem esquerda de um MLB com conteúdo semântico pleno, não interfere no cálculo da categoria sintática da palavra, não determina o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e/ou morfossemânticas, **possui vida independente (como forma livre) e atribui alguma carga semântica ao elemento em que foi afixado.**
- c) **ELEMENTO PROTÉTICO** - elemento afixado na margem esquerda de um MLB **sem conteúdo semântico pleno**, não interfere no cálculo da categoria sintática da palavra, não determina o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e/ou morfossemânticas, **não possui vida independente (como forma livre) e não atribui carga semântica ao elemento em que foi afixado.**

Hierarquicamente:

AFIXOS DA MARGEM ESQUERDA			
MORFEMAS		ELEMENTOS PROTÉTICOS	
PREFIXOS	PREFIXÓIDES		

A partir dessas definições, iremos analisar os vocábulos coletados no glossário do *corpus* selecionado.

4. ELEMENTOS DO CORPUS⁷

4.1. Vocábulos formados com elemento protético

VOCÁBULO	SEGMENTAÇÃO	AME
Abaixar	a-baix-ar	a
Abastar	a-bast-ar	a
Acarrear	a-carr-eiar	a
afic[ar]-se	a-fic-ar	a
alimph[ar]	a-limph-ar	a
Ameger	a-merg-er	a
Amostrar	a-mostr-ar	a
Apregoar	a-prego-ar	a
arrecud[ir] ~ recud[ir] ~ recod[ir]	a-re-[a]cud -ir	a/re → Para este vocábulo percebe-se a presença do elemento protético <i>a</i> e o prefixo <i>re</i> .
Arreferir	a-refer-ir	a

Tabela 2 – Vocábulos formados com elemento protético

4.2 Vocábulos com prefixação no latim

⁷ Não segmentaremos os sufixos, porque o trabalho se concentra na análise das margens esquerdas do radical. Portanto, para o escopo dessa análise, consideraremos apenas os elementos da margem esquerda.

VOCÁBULO	AME
Aalem	Do latim (<i>ad</i>) <i>illi</i> nc
Adereçar	Do Latim <i>ad-directia</i> re
Adevi[ar]	Do latim <i>ad-divina</i> re ou <i>divina</i> re
Adur	Do latim <i>ad-du</i> re
Afilhada	Do latim <i>ad-filia</i> tus
Agora	Do latim <i>ha</i> c + <i>ho</i> ra
ainda ~ ayndaagora	Do latim <i>ad</i> + <i>i</i> nde + <i>ad</i>
ali ~ alii ~ aly	Do latim <i>ad illi</i> c
Aló	Do latim [<i>ad</i>] <i>illoc</i>
assi ~ assy	Do latim <i>ad</i> + <i>si</i> c
Assuar	Verbo oriundo do advérbio antigo <i>sum</i> , <i>su</i> u, (> do lat. <i>Sub</i> + <i>unum</i>) que, teoricamente, forma <i>ad-subunare</i> .
atee ~ atee ~ atees	Do latim <i>ad tenes</i>
Benfeytoria(s)	Do latim <i>benefactoria</i>
Benficios	Do latim <i>benefici</i> um
Benigno	Do latim <i>benignus</i>
Comeyos	Do latim <i>cu</i> m + <i>me</i> diu
Comigo	Do latim <i>me</i> cum, lat. Vulg. <i>micum</i> , com reduplicação da prep. <i>cu</i> m.
Conosco	Do latim <i>no</i> s, por <i>no</i> bis, + <i>cu</i> m > <i>noscum</i> , por <i>nobiscum</i> , > <i>nosco</i> , antecedido do redobro da prep. <i>com</i> .
Consigo	Do latim pron. <i>se</i> > <i>se</i> cum > <i>sigo</i> , antecedido do redobro da prep. <i>com</i> .
Dementre	Do latim <i>du</i> m i ^{nte} rim
Dentro	Do latim prep. lat. <i>de</i> + adv. lat. <i>intro</i> .
Descalça	Do latim <i>discalceu</i> -, formado de <i>discalcea</i> tu-, - <i>ci</i> tu
Descoberta	Do latim <i>discoope</i> rtus,a,um
Dentro	Do latim <i>discooperi</i> re
Discordia	Do latim <i>discordi</i> a
desmostramentos	Vocábulo proveniente de <i>demonstrar</i> , do latim <i>de</i> monstra(re) + <i>mento</i>
Despender	Do latim <i>di</i> spe ^{nde} re
Dispensar	Do latim <i>dispe</i> nsa(re)
Despesa	Do latim <i>di</i> spensa
Desposiçõ	Do latim <i>dispositi</i> one - o ^{nis}
Destorvar	Do latim <i>distu</i> rba(re)
Destorir	Do latim <i>destru</i> ere
desvi[ar-se]	Do latim <i>de</i> vi ^a re
envolv[er]	Do latim <i>in-vo</i> lve ^{re}
Maldito ~ maldicto	Do latim <i>maledictus</i>
Maldizente	Do latim <i>maledicens, entis</i>
envolv[er]	Do latim <i>maledice</i> re
Maleyta	Do latim <i>maledicta</i>
Pera	Do latim <i>per ad</i>
Recear	Para este vocábulo, houve uma afixação, segundo o glossário, da forma <i>ário</i> , da forma <i>re</i> ao vocábulo latino <i>cela</i> re.

Tabela 3 – Vocábulo com prefixação no latim

4.3. Prefixo

VOCÁBULO	SEGMENTAÇÃO	AME
abaixar	a-baix-ar	a
abraçar	a-braç-ar	a → Derivação parassintética
acá	a-cá	a → Derivação parassintética
acabar	a-cab-ar	a
adeante	a-deante	a
ademaís	a-demaís	a

GOMES; SOUZA (2012)

afrondar	a-frond-ar	a
afora	a-fora	a
aguarda[ar]	a-guard-ar	a
aguys[ar]	a-guys-ar	a → Derivação parassintética
alex[ar]	a-lex-ar	a
alongar	a-long-ar	a
aluzecer	a-luz-ecer	a
amansar	a-mans-ar	a
amercear-se	a-merce-ar	a → Derivação parassintética
anteparança	ante-par-ança	ante
apag[ar]-se	a-pag-ar	a
apart[ar]-se	a-part-ar	a
apodrecer	a-podr-ecer	a → Derivação parassintética
arrunhar	a-runh-ar	a
assenhorar-se	a-senhor-ar	a
atormentar	a-torment-ar	a
avivar	a-viv-ar	a → Derivação parassintética
aviventar	a-viv-ent-ar	a
deenvidos	de-envidos	de
defalecer	de-falec-er	de
defolegar	de-foleg-ar	de
departir	de-part-ir	de
derranc[ar]	de-ranc-ar	de
derribar	de-rib-ar	de
desaguysados ~ desguysados	des-a-guys-ados	des- / -a
desam[ar]	des-am-ar	des
desaparecer	des-aparec-er	des
desasperar	des-asper-ar	des → Derivação parassintética
desassemelh[ar-se]	des-assemelh-ar-se	des
desaventurada	des-aventur-ad-a	des
desconfi[ar]	des-confi-ar	des
desconfortado	des-confort-ad-o	des
descreudos	des-cre-udos	des
desembargada	des-embarg-ada	des
desemparedado	des-e(a)mpar-ado	des
desencarreyrados	des-en-carreyr-ados	des- / en-
deserrados	des-err-ados	des
desfazer	des-faz-er	des
desfeito	des-feito	des
desnaturada	des-natur-ada	des
desnuada	des-nu-ada	des
desnuar	des-nu-ar	des
desobediente	des-obediente	des
desonrada	des-onr-ada	des
desonradamente	des-onr-adamente	des
desonras	des-onr-as	des
despag[ar]-se	des-pag-ar	des
despreçado	des-preç-ado	des
despreçar ~ desprecar	des-preç-ar	des
desvayrado	des-vayr-ado	des
desvestir	des-vest-ir	des
emprest[ar]	em-prest-ar	em
encarreyr[ar]	en-carreyr-ar	en
enforc[ar]	en-forc-ar	en
ennoytecer	en-noyt-ecer	en → Derivação parassintética
enrequint[ar]	en-riquent-ar	en → Derivação parassintética
entolh[ar]-se	ent-olh-ar	ent- ~ ante-
entrestec[er]	en-trist-ecer	en
enverdec[er]	en-verd-ecer	en
escontra	es-contra	es
esmigalhar	esmigalh-ar	es
esterrar	es-terr-ar	es → Derivação parassintética
rebever[er]	re-bev-er	re
renembrancha	re-nembrancha	re
retornar	re-torn-ar	re

revestidos

re-vest-idos

re

Tabela 4 – Vocábulo com prefixos do português

4.4. Prefixóide

VOCÁBULO	SEGMENTAÇÃO	AME
bem-andandes bem-aventerada(o)	bem- and(a)-andes bem-a- ventur- ad- / a(o)	bem bem- / -a- → Neste vocábulo tem-se a presença de um prefixóide e de um elemento protético
contradizer	contra-diz-er	contra
enquanto	en-quanto	en
mal-aventura	mal-aventura	mal
mal-aventurada	mal-aventur-ada	mal
maltreyta	mal-treyta	mal
perante	per-ante	per
perbev[er]	per-bev-er	per
tambem	Tam-bem	tam
trastempado	Rans-temp-ado	trans

Tabela 5 – Vocábulo com prexóides em língua portuguesa

Sobre os dados analisados acima, pode-se inferir que o AME **a** exerce, na parassintética, a função de prefixo, pois, durante esse processo de derivação, os afixos da direita e da esquerda são acrescidos simultaneamente.

O AME **a** comporta-se como elemento protético quando é afixado à esquerda, ao lado de verbos, pois eles não inferem na significação do derivado. Alguns verbos já vêm formados no latim com a afixação à esquerda.

No que tange aos advérbios, alguns já encontram formação latina, outros são formados com o acréscimo do AME **a** em português, inferindo a significação da preposição *para* ou *por*, devendo, assim, serem considerados prefixos, uma vez que somam carga semântica no item derivado.

Confirmou-se que é preciso olhar o étimo das palavras para saber se a forma que se está analisando é um AME ou um vocábulo do latim, pois, em alguns vocábulos, está bastante clara a importância da etimologia.

Encontrou-se no *corpus* o vocábulo **compartir** em que foi detectado um processo de gramaticalização de uma preposição afixada ao verbo. O elemento em questão não possui características de afixo e, principalmente, não modifica a carga semântica do verbo em que foi afixado.

No glossário constatou-se que o vocábulo **contradizer** talvez seja do latim *contradicere*. Pela dúvida, o trabalho optará por considerá-lo prefixóide, tendo em vista a ocorrência no *corpus* da preposição e do advérbio *contra*.

Observou-se também que só foi encontrado um prefixóide (*contra*) afixado a um verbo e a preposição *com*, no caso de **compartir**, que passou por um processo de gramaticalização, sem classificação específica entre AME.

Notou-se também a multifuncionalidade do APE **des** exercendo diversos valores semânticos, ora inferindo reforço ao vocábulo, ora atribuindo ideia contrária, ora desfazendo a ação do verbo em que foi afixado, ou inferindo uma negação.

O curioso nas três ocorrências do prefixo **es** é o fato de serem encontrados significados e atribuições distintas, conforme no quadro dos prefixos.

Considerando a coleta e catalogação dos dados, percebe-se que a maioria dos itens lexicais encontrados no *corpus* é formada por AME prefixo, com 73 ocorrências, e por itens cujo processo de derivação ocorreu ainda no latim. Por fim, foi catalogada a

GOMES; SOUZA (2012)

mesma quantidade para os elementos protéticos e os prefixóides, como demonstram a tabela com o quantitativo total e o gráfico abaixo:

Prefixo	73
do latim	39
elemento protético	11
Prefixóide	11
TOTAL	154

Tabela 6 – Quantitativo Geral de Afixos da Margem Esquerda

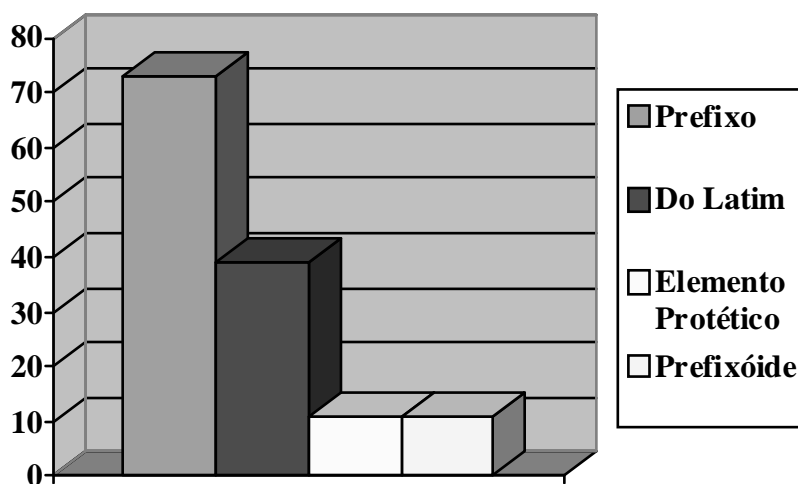


Gráfico 1 – Afixos da Margem Esquerda no Flos Sanctorum

PALAVRAS FINAIS

Ainda é cedo para concluir, mas é um primeiro passo para o amadurecimento de ideias e conceitos no campo da morfologia. Até aqui, pode-se perceber que foi feita uma análise das formas ditas prefixais em um *corpus* representativo do século XIV, repensando numa nova forma de tratamento para os *Afixos da Margem Esquerda*.

Essa forma de classificação buscou pensar nas particularidades semânticas ou morfológicas que esses afixos desempenham no conjunto derivado, podendo ser *prefixos*, *prefixóides* ou *elementos protéticos*, conforme foi verificado nos dados. Na descrição do *corpus*, inúmeros vocábulos tratados como derivados por prefixação no português contemporâneo já vieram prontos do latim. Verificou-se também a ocorrência, por exemplo, do AME *a* atuando como prefixo, prefixóide ou como elemento protético. Por fim, foi curioso notar que há alguns AME classificados como prefixo que atribuem ao vocábulo três significações distintas como em *esterrar*, *esmigalhar* e *escontra*.

Assim, essas foram algumas contribuições para análise morfológica e para a história da língua portuguesa.

GOMES; SOUZA (2012)

REFERÊNCIAS

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CAMPOS, Lucas. *A gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. 2001. 347 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

CALDAS, AULETE, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

COELHO, Juliana S. B. *Aspectos morfolexicais do Português Arcaico: sufixação nos séculos XIII e XIV*. 2001. 303 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Dicionário crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1954 – 1957.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 2003.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um Flos Sanctorum do século XIV: edições, glossário e estudo linguístico*. 2003. 298 f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MATEUS, Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed.. Campinas: Pontes, 2002. (Revista e ampliada)

ROCHA LIMA, C. Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: UFPR, 1996.

SANTANA, Bráulino Pereira de. *Palavras impossíveis: língua e cotidiano*. São Paulo: Nelpa, 2009.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDCS, 1986.

GOMES; SOUZA (2012)

Agradecemos a colaboração da Professora Sônia Bastos Borba Costa (UFBA) e do Professor Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBA).